

# O PROTAGONISMO INFANTIL POR MEIO DAS MINI-HISTÓRIAS NA COMUNICAÇÃO COM AS FAMÍLIAS

Regiane Gonçalves de Almeida Pinheiro<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo tem como objetivo partilhar a experiência do uso de mini-histórias na documentação pedagógica, como meio de comunicação com as famílias, a partir de uma prática que valoriza o significado da vivência, da interação e da investigação das crianças na vida cotidiana escolar. Esta estratégia pedagógica assume como base teórica uma proposta socioconstrutivista interacionista, que compreende a importância de uma pedagogia participativa, inspirada na perspectiva malaguzziana, originária de Reggio Emilia, uma referência mundial em qualidade de educação infantil. Com base nisso, estas mini-histórias são construídas pela professora a partir da organização de seus registros em diferentes momentos da rotina, seja nos contextos investigativos, construtivos, jogos, brincadeiras de faz de conta, entre outros, por meio de diversas possibilidades, como anotações das observações, olhar atento, escuta ativa, além de recursos fotográficos e vídeos, que favorecem a análise, interpretação e reflexão posterior aos episódios observados. Feito isso, valorizando e reafirmando a teoria e a prática descritas na proposta pedagógica do colégio, produzimos intencionalmente curtas narrativas, dando voz às crianças, que atuam como centro do processo da aprendizagem. Depois, as mini-histórias são compartilhadas com as famílias, utilizando linguagem simples e de fácil compreensão, por meio virtual e como painel expositivo, nomeado de “varal de mini-histórias”, nas oficinas pedagógicas, em que os familiares registram comentários sobre suas impressões. Sendo assim, a partir do retorno positivo das famílias, conclui-se que esta estratégia de compartilhamento de documentação pedagógica resulta numa potente ferramenta que valoriza e torna visível o protagonismo infantil, bem como respeita a cultura da infância e, principalmente, provoca mudança de paradigma aos olhos das famílias sobre como se dá a aprendizagem das crianças pequenas, aproximando os pais das vivências e investigações de seus filhos, favorecendo a compreensão das propostas significativas desenvolvidas nos diferentes espaços da escola.

**Palavras-chaves:** documentação pedagógica; mini-histórias; protagonismo infantil.

## Como tornar visível o cotidiano escolar das crianças às famílias?

A pergunta que serve de título a este tópico foi trazida para reflexão na reunião pedagógica da equipe de professores da educação infantil, a partir do levantamento de comentários realizados por famílias recém-chegadas à escola, que verbalizaram “Meu

---

<sup>1</sup> Pós-graduada em Neurociências Aplicada à Educação pelo Centro Universitário Faculdades Metropolitanas Unidas FMU, licenciada em pedagogia pelo Centro Universitário Fieo Unifio e professora de educação infantil no Colégio Madre Iva. [regiane.pinheiro@madreiva.com.br](mailto:regiane.pinheiro@madreiva.com.br)

filho só brinca na escola?” e “Eu gostaria de saber um pouco mais do que eles fazem durante a rotina”.

Para desenvolver esta temática, é importante ressaltar que a proposta pedagógica do colégio é pautada em teorias de construção de conhecimento com olhar formativo e participativo, fundamentado nos princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece, essencialmente, como eixos estruturantes nas práticas pedagógicas da educação básica, em especial, na fase da educação infantil, as interações e as brincadeiras.

Neste mesmo contexto, a BNCC resgata das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, a justificativa e definição da criança como:

[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p. 37).

É fato que, em nossa prática cotidiana e em nossas reuniões, sempre buscamos refletir e planejar sobre diferentes formas de compartilhamento de vivências e experiências com as famílias, pois temos a convicção de que a parceria da escola com a família amplia e reforça o significado das aprendizagens. No decorrer dos anos, vivenciamos e praticamos diferentes formatos de documentação dos processos, os quais apresentaram resultados bastante qualitativos e satisfatórios, como os relatórios individuais e coletivos, informativos coletivos, murais e *posts* em redes sociais. No entanto, compreendemos a necessidade de estudar continuamente e investir em um formato de documentação pedagógica com ferramentas contextualizadas ao universo infantil, diferenciadas e mais robustas, para além de comunicar e ressignificar a prática, compartilhar cenários e contextos vividos pelas crianças no cotidiano escolar. Este recurso permite que as famílias olhem para o cotidiano mudando e/ou reconstruindo o paradigma escolar, ampliando a percepção sobre o que as crianças fazem na escola e percebendo que, muito além do que o fazer, está o ser, e, neste caso, é o “ser protagonista”.

Neste contexto, fazendo uso de estratégias mais atuais e participativas, que validam e reforçam o papel das crianças como protagonistas de seus processos, passamos a

aprofundar nossos estudos em obras de autores renomados que embasam práticas significativas no contexto da comunicação das aprendizagens e vivências, na relação escola e família.

Uma das primeiras afirmações que reforçam o nosso foco de estudo está na frase de Malaguzzi (2020, s/p.), educador de Reggio Emília e pesquisador da primeira infância: “O que não se vê, não existe”. A partir dessa frase, desenvolver outras leituras foi fundamental para compreendermos que, além de compartilhar os resultados das aprendizagens e a beleza da infância, faz-se necessário partilhar momentos vividos no espaço escolar. Assim, Fochi (2015), pesquisador, educador e coordenador do Observatório da Cultura Infantil (OBECI) afirma, em sua dissertação de mestrado, que:

A decisão de compartilhar não é apenas para evidenciar nosso respeito e amorosidade em relação às crianças. Deixar memória pedagógica sobre o que é feito nas escolas pode ser uma afirmação a respeito de um momento particular da vida das crianças em espaços institucionais. E construir a memória das crianças é também construir a memória das instituições. Tendo em vista que a Educação Infantil é uma instituição ainda recente em nossa realidade, o valor da comunicação como memória é também uma defesa na afirmação do valor político que é para as crianças desta instituição. (FOCHI, 2015, p. 226).

Compreendendo que, como o objetivo da equipe de educação infantil era avançar na qualidade da comunicação com as famílias, tornando ainda mais visíveis as interações e as vivências, elegemos a estratégia das mini-histórias. Este recurso foi desenvolvido, em Reggio Emilia, pela equipe do educador italiano Lóris Malaguzzi e, nos últimos anos, o educador brasileiro Paulo Fochi o tem resgatado e divulgado, em seus textos pedagógicos e pesquisas, como uma prática bastante valiosa, entre outras várias possibilidades de estratégias para a produção de documentação pedagógica.

As mini-histórias são narrativas curtas que possuem uma estrutura de relatos breves acompanhados de uma sequência de imagens, que retratam, pelo olhar e escuta atenta do professor, o protagonismo da criança nas diferentes situações do cotidiano escolar e de cultura infantil, como as interações, as formações de vínculos de amizade, a construção da autonomia, da autoestima e da autoconfiança, a comunicação, a resolução de situações-problema e o saber-fazer das crianças pequenas. Na BNCC, compreendemos que “ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas

com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções”. (BRASIL, 2017, p. 37).

Dessa forma, a construção e o compartilhamento de mini-histórias tornam-se um potente recurso para comunicar experiências vividas, ao narrar uma criança que atua e que aprende, por meio da curiosidade e da relação que estabelece com o meio, com os objetos, com o outro, enfim, com o mundo social e natural. Neste sentido, Fochi (2015) nos afirma que “quando comunicamos para as famílias, não apenas mostramos o valor de um serviço educativo, mas também lhes oferecemos a oportunidade de (re)conhecer seus filhos e partir de outros olhares.” (FOCHI, 2015, p. 234).

### **Como as mini-histórias são compartilhadas com as famílias?**

Devido às mini-histórias apresentarem um grande apelo visual, pois uma de suas maiores características são as sequências de imagens, optamos, prioritariamente, pelo compartilhamento digital, via aplicativo institucional *Iscool*. Tal atividade se deu em grupo fechado por turmas, com postagens semanais, feitas pela coordenação pedagógico-educacional, que tem a função de postar e mediar os grupos, nos quais deixamos habilitado o campo de comentários para *feedbacks* dos familiares.

Os compartilhamentos contemplam narrativas individuais e/ou coletivas. Nesse sentido, as famílias foram preparadas para compreender que não se trata de produções/atividades individuais de seus filhos, mas que são recortes do cotidiano, com fatos/episódicos da exploração das diferentes linguagens, ocorridos no decorrer do ano, o que reforça, inclusive, a construção do olhar coletivo e a relação de convivência na diversidade, além de compreender o pertencimento ao grupo.

Compartilhamos, também, com toda a comunidade educativa, as narrativas produzidas impressas, na ocasião das *Oficinas Pedagógicas*, em uma instalação de um “Varal de Mini-histórias”, disponibilizando um espaço de painel interativo, em que todos os visitantes puderam apreciar, compreender e comentar as vivências ocorridas.

### **Resultados**

Diante da intenção de tornar visíveis as interações e experiências no cotidiano escolar por meio do compartilhamento das vivências com as famílias, obtivemos um retorno muito positivo sobre a estratégia escolhida para este momento. Os familiares relataram, em seus comentários virtuais e no painel interativo, uma grande satisfação em “ver” o

cotidiano das crianças, mesmo que pela lente e narrativa do professor. Os resultados dos *observáveis*, como diria Fochi (2015), decorreram dos registros de observações destes, mas, com a cena real, via sequência de fotografias, escuta ativa e olhar sensível, tornando concreto cada momento.

Este *feedback* positivo valoriza a produção das mini-histórias como um tipo de documentação que revela a potência do olhar para a cultura infantil, bem como desafia cada professor a se reinventar e a pesquisar a cada dia para avançar em seus estudos e pesquisas, assim como continuamente a se tornar protagonista de sua ação pedagógica, buscando sempre novas estratégias e ações, além de fortalecer a aproximação e o vínculo entre escola e família, demonstrando transparência nas relações.

Para encerrar, citamos Lóris Malaguzzi, em *As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação*:

Os professores devem abandonar modos de trabalho isolados e silenciosos. Pelo contrário, devem descobrir maneiras de comunicar e documentar a evolução das experiências das crianças na escola. Eles devem preparar um fluxo constante de informações voltadas aos pais, mas que também possam ser apreciadas pelas crianças e pelos professores. Esse fluxo de documentação, acreditamos, apresenta aos pais uma qualidade de conhecimento que altera suas expectativas tangivelmente. Eles podem reexaminar suas convicções sobre seus papéis e sua visão sobre a experiência que os seus filhos estão vivenciando e assumir uma abordagem nova e mais problematizadora em relação a toda experiência escolar. Com relação às crianças, elas ficam ainda mais curiosas, interessadas e confiantes ao contemplarem o significado do que realizaram. (CHILDREN, 2021. p. 5).

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em novembro de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)**. Brasília: MEC, 1998.

CHILDREN. Reggio e Escolas e Creches da Infância de Reggio Emilia Reggio Children, Ana Teresa Gavião A. M. Mariotti, e outros. **As Cem Linguagens em Mini-histórias: Contadas por Professores e Crianças de Reggio Emilia**. Porto Alegre, Editora Penso, 2021.

FOCHI, Paulo Sergio. **Abordagem da documentação pedagógica na investigação praxiológica de contextos de Educação Infantil**. 2017.218 f. Projeto de qualificação de tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

OBECI. Observatório da Cultura Infantil. Organizador FOCHI. Paulo Sergio. **Mini-Histórias: Rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da cultura Infantil – OBECI**, Editora Ivana Vidor Marques, Porto Alegre, 2019.

PROENÇA. Maria Alice. **Prática docente: a abordagem de Reggio Emilia e o trabalho com projetos, portfólios e redes formativas.** São Paulo. Panda Educação, 2018.

PONZIO. Eloisa; PACHECO. José. **Reggio Emilia e Ponte: A gênese de novas construções sociais de aprendizagem.** Edições Mahatma. São Paulo, 2018.